



LES0269 - Tópicos Especiais em Políticas Públicas Aplicadas à Gestão Ambiental

Professor Paulo Eduardo Moruzzi Marques

Resumo

GRUPO: *Cláudia Maria Coleoni, Gabriel Melo Guarda, Gael Pech, Miguel Leopardi, Pedro Dias e Vincent Balue, com contribuições de grupos e do professor*

SOUZA, Jessé (2011). "A parte de baixo da sociedade brasileira". *Revista Interesse Nacional*, v.14, p. 33-41.

***Palavras-chave:* patrimonialismo; desigualdade social; sub-cidadania**

A tese defendida por Jessé Souza¹ é a de que as classes populares do Brasil são literalmente invisíveis e mal compreendidas devido ao "patrimonialismo estatal". Esse conceito, resultante de uma "interpretação do Brasil", institucionaliza e caracteriza no "povo brasileiro" uma "segunda natureza", sobre a qual não mais se reflete ou questiona. A criação dessa identidade em torno do "mito da brasilidade" amplamente aceita também é produto da criação de cientistas e intelectuais, cujas ideias foram articuladas e institucionalizadas a partir de poderosos interesses econômicos e políticos.

"Há que se deixar claro, antes de qualquer coisa, que as ideias não são algo abstrato e abstruso de pessoas que vivem nas nuvens sem qualquer relação com o mundo real". As ideias são as molas mestras impulsionadoras de tudo o mais que se seguirá, em termos de institucionalização na sociedade.

1. Patrimonialismo e racismo de classe no Brasil moderno

Ainda no campo das ideias, a "revolução simbólica do Brasil moderno" iniciou-se com Gilberto Freyre² e Sérgio Buarque de Holanda³, na década de 30. Criada a partir e contra a ideia do racismo na sociedade americana, a identidade nacional brasileira possuía como emblema máximo o "mestiço", a "plasticidade" (dada pela herança ibérica), e a incorporação da alteridade e do "outro". Freyre destaca-se, nesse sentido, ao inverter toda a percepção negativa e naturalizada do Brasil presente no "racismo científico". Dessa inversão, surge a "fantasia compensatória", que é a ideia de que, apesar de os americanos serem "mais ricos e democráticos", os brasileiros são "mais generosos e humanos".

¹ Potiguar de Natal/RN, Jessé Souza doutorou-se em sociologia na Universidade Heidelberg, Alemanha. Fez pós-doutorado em Filosofia e Psicanálise na New School for Social Research, de New York. É livre-docente em Sociologia pela Universidade de Flensburg, Alemanha. Escreveu 22 livros em várias línguas sobre teoria social crítica e análises empíricas e teóricas da desigualdade e das classes sociais no Brasil. Atualmente, é professor titular de sociologia da Universidade Federal de Juiz de Fora".

² Nascido em Recife, em 15/03/1900, e falecido na mesma cidade em 18/07/1987, Gilberto Freyre transitou pela sociologia, antropologia e história, também se aventurando como jornalista, autor de ficção, poeta e pintor. É considerado um dos maiores pensadores brasileiros do século passado.

³ Paulistano, nascido em 11/07/1902 e falecido em 24/04/1982, Sergio Buarque de Holanda é reconhecidamente um dos mais importantes historiadores brasileiros. Também foi crítico literário e jornalista.



LES0269 - Tópicos Especiais em Políticas Públicas Aplicadas à Gestão Ambiental
Professor Paulo Eduardo Moruzzi Marques

Por sua vez notadamente em Raízes do Brasil⁴, Buarque, invertendo e apropriando-se, da tese de Freyre, busca a criação de um "mito nacional" que produzisse uma "unidade coletiva" na sociedade brasileira, ainda baseando-se no "culturalismo", isto é, no fato de que o brasileiro é um tipo singular. Entretanto, do ponto de vista científico, o "mito da brasilidade" permanece simplista e superficial na criação de uma unidade coletiva nacional.

Então, Buarque transforma os aspectos positivos da sociedade brasileira defendidos por Freyre (i.e. uma brasilidade ligada à cordialidade, emotividade e abertura ao "outro") no motivo de atraso relativo do Brasil tanto na vida política quanto econômica. A partir daí nasce a idealização dos EUA, terra da confiança interpessoal e das pessoas incorruptíveis, e a justificativa para a aceitação do liberalismo. Segundo Jessé Souza, inicia-se aí a inteligência pseudocrítica, desenvolvida por autores como Raymundo Faoro⁵, Simon Schwartzman⁶, Fernando Henrique Cardoso⁷ e Roberto DaMatta⁸, cujos pensamentos associam as virtudes americanas às virtudes do mercado e os vícios brasileiros à influência do Estado, caracterizado como ineficiente, politiquês e corrupto. Todos os autores supracitados são de extraordinária influência.

Jessé de Souza se contrapõe incisivamente à inteligência pseudocrítica, argumentando que Estado e mercado são sistemas interdependentes, haja vista a última crise internacional. Em sua tese, Jessé de Souza expõe que os valores da "incorruptibilidade" e "confiabilidade" (defendidos por Buarque e outros) são inexistentes em um mercado que é fraudulento e corrupto, exemplificando que os bancos americanos "maquiam balanços, falseiam relatórios e avaliações", resultando, portanto, a institucionalização da fraude como fundamento dos negócios e do lucro.

⁴ Livro escrito na forma de um longo ensaio histórico, com 7 partes, a saber: "Fronteiras da Europa"; "Trabalho e Aventura"; "Herança Cultural"; "O Semeador e o Ladrilhador"; "O Homem Cordial"; "Novos Tempos"; e "Nossa Revolução". O texto consiste na macrointerpretação do processo de formação da sociedade brasileira).

⁵ Nascido em Vacaria/RS, em 27 de abril de 1925 e falecido no Rio de Janeiro/RJ, em 15 de maio de 2003, Faoro foi jurista, sociólogo, historiador, cientista político e escritor, além de membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

⁶ Mineiro de Belo Horizonte, nascido em 1939, este autor é pesquisador do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, no Rio de Janeiro. De 1994 a 1998, foi diretor do IBGE e, entre 1999 e 2002, diretor para o Brasil do American Institutes for Research. Estudou sociologia, ciência política e administração pública.

⁷ Carioca, nascido em 18 de junho de 1931, Fernando Henrique Cardoso é sociólogo, cientista político, filósofo, professor universitário e político, além de ex-presidente da República).

⁸ Fluminense, de Niterói, nascido em 29/07/1936, Roberto DaMatta é antropólogo e também conferencista, professor universitário, consultor e colunista de jornal.



LES0269 - Tópicos Especiais em Políticas Públicas Aplicadas à Gestão Ambiental
Professor Paulo Eduardo Moruzzi Marques

A mesma ideologia aplicada na modernização é utilizada para justificar a “dominação fática política e econômica” dos EUA sobre o resto do mundo. O “erro moral” presente no Brasil, tido supostamente pela deletéria influência do Estado, interfere na competitividade no mercado moderno segundo a inteligência pseudocrítica. Tal patrimonialismo estatal resultaria prejuízos nas relações sociais e econômicas, as quais são desiguais nacional e internacionalmente.

Nesse sentido, Jessé Souza estabelece uma ligação orgânica entre a tese do patrimonialismo estatal e o racismo de classe contra as classes populares. A chamada “ordem liberal” do Brasil vem com a relação seletiva de que a “ética” está no reconhecimento da corrupção do Estado, e de que as classes populares brasileiras são “antiéticas” por apoiarem o Estado atuante. Essa “interpretação do Brasil”, portanto, leva ao (des)conhecimento e ao preconceito das classes populares do Brasil, provocativamente denominadas de “ralé” por Jessé Souza (ilustrando uma sociedade que maquia os conflitos principais dessa classe), ou “batalhadores” da “Classe C”. Essa oposição naturalizada entre mercado e Estado conduz a uma definição de “Classe C” ao sabor do “economicismo liberal” (i.e. desconhecimento da produção sociocultural de diferentes indivíduos), ideia que também guiará governo, mídia, mercado, indivíduos e classes sociais. Claramente no nosso país, há a ideia de que as elites sociais são superiores às classes sociais mais pobres que seriam incapazes de chegar ao nível “superior” das elites. Desta forma, como são maioria no Brasil, responsabiliza-se tais classes menos favorecidas pelo “atraso” e “não evolução” brasileira, esquecendo-se que estas últimas estão, e sempre estiveram, à mercê de quem as oprimia e ainda oprime. Nada se faz para estas classes no sentido de sua emancipação social.

Também, vale citar um trecho do texto: “É precisamente o obscurecimento sistemático de todo conflito de classes entre nós, em nome da falsa oposição já naturalizada entre mercado e Estado, que abre espaço para um “economicismo liberal” que desconhece a produção sociocultural de indivíduos diferenciais por heranças de classe distintas. A percepção equivocada da “classe C” como classe média, ou seja, como classe privilegiada, mediante mero aumento do potencial de consumo e renda, reflete, precisamente, esse desconhecimento”.

2. A Nova Classe Média e a “ralé” de desclassificados e abandonos sociais

O “Brasil bem-sucedido” de que se fala nos últimos anos é resultante da ascensão da “nova classe média”, visto o aumento no consumo interno da última década, fator que assegura não somente importância econômica, mas também política. Segundo Jessé Souza, nessa denominação de classe, está implícito que os “emergentes” estão conduzindo o Brasil ao status de primeiro mundo, realidade em que a sociedade brasileira seria composta, em sua grande parte, pela classe média, e não mais pelos “pobres”. Sabe-se, porém, que tal alegação passa muito longe da verdade, pois não constitui a realidade.



LES0269 - Tópicos Especiais em Políticas Públicas Aplicadas à Gestão Ambiental
Professor Paulo Eduardo Moruzzi Marques

Jessé Souza contradiz esse pensamento, explicitando que a realidade desses “batalhadores” assemelha-se mais a uma classe trabalhadora formada no pós-fordismo, que se viu obrigada a reinventar-se mesmo sem direitos e garantias sociais. O potencial de consumo que se verifica é, portanto, resultante de extremo esforço pessoal, sacrifício familiar, e diversos sofrimentos que são silenciados pelo discurso triunfalista, realidade percebida também em outros países emergentes.

A “nova classe média” é mal-compreendida ao ser determinada exclusivamente por fatores de renda, apesar de sua ascensão econômica (a qual Jessé Souza atribui a políticas simples, como o Bolsa Família, o microcrédito e a ação religiosa tardia como sinais de autoconfiança e compensação do abandono familiar das classes desprezadas). A compreensão da “ralé” vem também com o reconhecimento de sua heterogeneidade e a injustiça que sofre quando a sociedade considera unicamente a “meritocracia” (i.e. desempenho individual extraordinário em diversas etapas da vida, como escola e mercado), ignorando as pré-condições sociais. Além disso, o termo “classe média” caracteriza-se pelo “capital cultural” (também favorecido pelo “tempo livre”, que permite a apropriação do conhecimento útil e altamente valorizado, como capacidade de pensamento abstrato técnico ou literário, conhecimento de línguas, socialização que ajuda na produção de relações pessoais vantajosas etc.), como observou Pierre Bourdieu. Por essa definição, não se pode classificar a “Classe C” como classe média, da mesma forma que a classe média não pode ser classificada em “classe alta”, a qual se diferencia das demais pelo “capital econômico”. O autor salienta, mais uma vez, que o fator renda não é o único determinante – a “incorporação” de certas capacidades e virtudes é o que realmente separa as classes. Essa constatação é evidente na exploração de mão de obra barata em trabalhos corporais para que a classe média possa dedicar-se a empregos e estudos rentáveis e de prestígio, ao passo que esses “batalhadores” estudaram em escolas públicas, trabalham muitas vezes sem garantias sociais e, quando estudam, vão a uma faculdade privada à noite. Ainda convém mencionar que se a apropriação privilegiada de “capital econômico” marca as classes altas, é a apropriação privilegiada de “capital cultural”, seja técnico ou literário, o que marca tipicamente as classes médias modernas.

A “ralé” perfaz 1/3 da população brasileira e é marginalizada na “luta de classes”, resultante do abandono social e político. No campo do debate público brasileiro, desconsideram-se as funções exercidas pela “ralé” como fruto desse abandono (e.g. empregada, zelador, motoboy etc.), e retoma-se a pseudocrítica da eficiência do mercado e a ineficiência do Estado. Essas funções somente ganham notoriedade na mídia quando associadas à oposição bandido-policia, despolitizando os conflitos sociais e desprivilegiando os mais fracos.



LES0269 - Tópicos Especiais em Políticas Públicas Aplicadas à Gestão Ambiental
Professor Paulo Eduardo Moruzzi Marques

Por meio de uma pesquisa empírica e teórica realizada entre 2005 e 2008, em diversas regiões brasileiras, com embasamento sobre “um método empírico proveniente das pesquisas de Pierre Bourdieu⁹ e de Bernard Lahire¹⁰, o autor procurou reconstruir o sentido de vida em condições extremas de exclusão social. Suas conclusões incluem a estruturação das famílias e a perspectiva de futuro relacionada à “honestidade dos pobres” (estereotipada com o “menino” que não virou bandido, ou o “adulto” que não virou bêbado, ou a “menina” que não virou prostituta), realçando disputas no interior destes grupos que não favorecem sua emancipação. “A naturalização do abuso sexual dos mais velhos e mais fortes em relação aos mais novos e mais fracos – especialmente das meninas, mas, também, dos meninos – chocou todos os pesquisadores envolvidos na pesquisa. Esse tema é um tabu quase nunca veiculado pela mídia, o que apenas favorece a sua perpetuação no tempo.

Durante a pesquisa, Jessé Souza deparou-se com o paradoxo “estudo vs trabalho braça”, e a ausência de exemplos dentro da própria classe social que pudessem motivar crianças da “ralé”. Entra aí, também, a precariedade das instituições de ensino público e a transmissão/participação na construção do conhecimento.

Jessé Souza propõe, então, o debate de ideias, desmascarando a violência simbólica e o enviesado discurso “ético” entre mercado e Estado, e inserindo o comprometimento com a mudança social e a reforma social no debate público.

Referências bibliográficas

HOLANDA, Sérgio Buarque de (1995), *As raízes do Brasil*, (1ª edição 1936), São Paulo: Companhia das Letras.

SOUZA, Jessé (2009). *A Ralé Brasileira: Quem É e Como Vive*, Belo Horizonte: UFMG.

SOUZA, Jessé (2010), *Os Batalhadores Brasileiros: Nova Classe Média ou Nova Classe Trabalhadora?*, Belo Horizonte: UFMG, 2010.

⁹ Bourdieu analisou o processo de adaptação ao capitalismo das populações autóctones na Argélia, nas quais já haviam sido encontradas as formas mais elaboradas de uma sociologia da economia. Pôde-se evidenciar uma oposição radical “à concepção da teoria neoclássica, também sendo possível visualizar que as disposições econômicas mais fundamentais, necessidades, preferências, propensões ao trabalho, à poupança e ao investimento não são exógenas, colocando em destaque as condições sócio-históricas do comportamento econômico racional.

¹⁰ Nascido em Lyon, em 1963, Lahire é professor de sociologia na École Normale Supérieure de Lyon e diretor da equipe Dispositions, Pouvoirs, Cultures, Socialisations, do Centre Max Weber (CNRS). É considerado como o principal herdeiro, por assim dizer, de Pierre Bourdieu.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"



**LES0269 - Tópicos Especiais em Políticas Públicas Aplicadas à Gestão
Ambiental**
Professor Paulo Eduardo Moruzzi Marques

FAORO, Raymundo (1975), *Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro*. Rio de Janeiro / Porto Alegre / São Paulo: Editora Globo/ Editora da Universidade de São Paulo.